

Uma aula de Português como tantas outras. Roberto é chamado pela professora e inicia a leitura em voz alta. Uma tarefa difícil, trabalhosa, que parece não dar prazer ao pequeno aluno de 11 anos.

Sua leitura é mecânica, quase silábica. Em poucas palavras, sílabas trocadas. Ele se atrapalha, olha para a professora e, visivelmente, não entende o que está lendo.

Estatísticas que comprovem não existem, mas Roberto, certamente, faz parte de um contingente enorme de crianças que frequentam o 2º grau em escola pública ou particular sem saber ler nem compreender o que estão lendo. Criticar textos, muito menos. A simples leitura é um suplício — mais uma tarefa de casa. Professores, educadores e especialistas sabem disso. E, para quem não acredita, basta ficar no dia-a-dia com essas crianças em sala de aula para comprovar.

Trata-se de uma realidade que não é só nossa. Na França, uma estatística mostrou recentemente que, de cada cinco crianças que entram no 2º grau, uma ainda não superou suas dificuldades com a leitura.

Assim esses jovens entram na corrida dos diplomas com uma deficiência quase impossível de ser superada: como resolver um problema de Matemática quando não se entende o seu enunciado?

As dificuldades de leitura determinam claramente o futuro escolar de uma criança. Segundo dados da Associação Francesa para a Leitura, 93% dos alunos que repetem no primário, onde se aprende a ler e escrever, não chegam ao penúltimo ano científico.

Sem hábito nem prazer

Os pais, sem querer identificar-se com seus filhos, talvez envergonhados, entram em pânico com esta deficiência. "Por que eles lêem mal?" se perguntam. "Nós fomos melhor na nossa época escolar... Será nossa culpa ou estamos vivendo os efeitos macabros de um modo de vida onde a televisão compete diariamente com os videogames?" A lista dos males é grande, e certamente não pára por aí, porque ler mal tem múltiplas raízes.

A principal delas, segundo Ezequiel Theodoro da Silva, professor do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da Unicamp e ex-presidente da Associação do Livro do Brasil — no que concordam todos os outros entrevistados — é que "a criança não tem um ambiente concreto que estimule a leitura". "Ler tem que ser um hábito, um hábito que dá prazer. Do contrário o ensino é mecânico, não compreensivo dos textos e não critica nada. Na maioria das escolas, os alunos fazem apenas a leitura do livro didático e vão à lousa. Mas não têm acesso às bibliotecas ou livros de literatura, nem estimulo sócio-ambiental. Os pais, em casa, também quase não lêem. Isso é pior na rede pública de ensino, mas também é uma realidade nas escolas da rede particular", asegura o professor.

A disputa entre os métodos de ensino entra logo no debate. E há quem sugira a volta ao velho ensino de nossos pais: a decifração através da colagem de letras para obter os sons B-A=BA, F-U=FU. Com esse método, as crianças passam da escrita para o oral e, depois, do oral para o sentido das palavras. Os defensores desta metodologia buscam no passado a certeza do sucesso: "No nosso tempo havia menos fracasso".

"Isso é apenas saudosismo barato", denuncia, contudo, Ezequiel. Até as décadas de 60 e 70, a escola era mais restritiva em termos de acesso. Quem estava na escola eram as classes médias e alta. Hoje, com a "democratização" em termos de acesso, a escola recebe uma clientela diferente, basicamente formada por filhos de trabalhadores. Cresceu o número de escolas, democratizaram-se os meios de acesso, mas não se pensou no que estava dentro: nos professores, na biblioteca, nos livros, nos alunos.

Na mesma linha de raciocínio, Maria das Mercês Ferreira Sampaio, educadora há 22 anos e, desde setembro, na diretoria do 1º grau da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação), acredita que temos aí "os resultados ruins de uma escola que vai mal das pernas". E não adianta vir com saudosismos de uma escola pública que selecio-

Geral

EDUCAÇÃO

Por que nossas crianças lêem mal?



Tizuko: não à cartilha.



Olga: como um "quistó".



Edson: novos métodos.

Fotos: André Douce e Carlos Renno.

Os especialistas afirmam que um dos motivos — talvez o principal — seja a falta de estímulo à leitura. Mas há outros: professores sem preparo, métodos de alfabetização ultrapassados...

nava bem, "mas era elitista porque a seleção era feita já muito antes, na própria sociedade, visto que só a classe média a freqüentava.

Foi também na década de 60 e meados dos anos 70 que o Brasil importou diversas metodologias de ensino, seguindo um acordo entre MEC e Estados Unidos. Isso provocou uma confusão metodológica imensa, "porque acreditava-se que o método seria a solução para nossos problemas de Educação". Mas isso não é verdade. O professor Ezequiel afirma que num ensino de verdade esse é apenas um dos componentes. Um professor que seja bom leitor, com amplo repertório de leitura — diz ele — "é fundamental para o ensino de leitura".

E esse tipo de professor está em extinção em nossa escola. "Hoje ele não lê porque é explorado em vários sentidos", explica Ezequiel. "Seu tempo é exíguo, dá mais de 40 aulas semanais, tem que preparar e corrigir provas, cumpre mil e uma funções dentro e fora da escola — veja a recente greve de 34 dias por melhores salários para comprovar a afirmação. Afora isso, o professor da leitura precisa ter competência técnica para ensinar."

Mas, infelizmente, não é isso o que se vê numa classe de 1º grau. Tanto faz seja ela de escola pública ou particular. O professor mal preparado dentro da sala de aula é um grave problema. Tizuko Morchida Kishimoto, professora de Teoria e Prática de Educação Pré-Escolar da Faculdade de Educação da USP, afirma que quem dá aula nas primeiras séries do 1º grau "são os piores professores da rede". Os melhores qualificados nos concursos escolhem as 4º e 5º séries, sobram a 1º e a 2º. São os que ganham os piores salários, às vezes menos que uma empregada doméstica. "Normalmente, são professores com a pior formação que enfrentam o mais grave problema da educação brasileira, que é a alfabetização."

Dados de 86 mostraram que apenas 10,4% das crianças brasileiras freqüentam a pré-

escola, onde começa a construção do conhecimento da criança. A alfabetização, diz Tizuko, é um trabalho a longo prazo, e deve ser feita a partir de coisas significativas para a criança. Por exemplo: ela observa uma borboleta e vê como se escreve borboleta. Assim, ela vai acumulando experiência e o processo educativo fica gostoso.

O que não acontece, normalmente, na maioria das escolas. Na primeira série da rede pública, por exemplo, a criança chega sem saber pegar num caderno, manusear um lápis ou falar com o professor. E quase sempre é obrigada a aprender numa cartilha ultrapassada — a *Caminho Suave* é ainda a mais usada —, além de nada ter a ver com a realidade dela. Afora palavras ou figuras estranhas àquilo que a criança observa no seu dia-a-dia, a cartilha, segundo Tizuko, traz uma série de ideologias distantes do seu universo.

O livro chato

A alfabetização é um processo demorado, onde o aluno se depara também com o livro didático. Geralmente, este é um livro chato, na opinião de alunos, especialistas e pais de alunos. A leitura que deveria ser gostosa e estimulante fica antipática e truncada. O que seria prazer, então, vira obrigatoriedade. "Um verdadeiro quisto na vida do aluno", como costuma comparar a educadora Olga Molina, do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da USP. "Se transformamos a leitura simplesmente em obrigação, ela só vai existir na escola. Quando a criança deixa a escola não vai mais ler, como se arrancasse de sua vida um quisto que a incomoda", observa.

Outra coisa que incomoda é ler livro por obrigação. Adriana de Camargo, 8º série do 1º grau da EEPSP Professor Reinaldo Porchat, no Alto da Lapa, diz que detesta ler livro quando sabe que vai ter provinha. E quase sempre é assim: "Não gosto de

ler porque logo depois tem a prova, vale nota e a gente pode até repetir de ano. Ninguém da minha classe gosta de ler. Eu prefiro quando o professor faz só uma discussão sobre o livro, é muito mais gostoso e a gente não esquece mais", garante.

A classe toda de Adriana está lendo agora o livro *Mar Morto*, de Jorge Amado. E vejam o que ela está achando dele: "É um livro muito chato, com palavras e frases muito difíceis que eu não consigo entender. Tenho que ir toda hora ao dicionário ou perguntar à professora".

Liza Garcia, 12 anos, 7º série do 1º grau de uma escola particular, também tem muitas reclamações. Principalmente das fichas de leitura que acompanham os livros de literatura. Essas "malditas" fichas quase fizeram a garota perder o gosto pela leitura. Ela sempre gostou de ler, e lê muito em casa. Enquanto na escola o professor indica um livro por bimestre, ela lê quatro ou cinco em casa. "Não gosto de ler os livros da escola porque depois tem que preencher a ficha de leitura. Preferia que a professora mandasse fazer um resumo ou contar a história, mas não preencher a ficha, que é muito chata", diz.

Se Liza e Adriana não perderam o gosto pelos livros foi por um trabalho de estimulação em casa. Elisa Toneto de Carvalho, mãe de Adriana, do Movimento Pró-Educação das Escolas Públicas, surgiu recentemente, conta que em casa procura incentivar muito os quatro filhos que estão na escola pública. Um trabalho árduo, já que elas "não têm motivação na escola". Em casa, os livros estão presentes à medida do possível e do dinheiro disponível: "Meu marido lê mais que eu, tenho que admitir, porque pouco tempo me sobra para a leitura", reconhece.

Em suas andanças pelas escolas e nos contatos com os pais, Elisa tem comprovado que as crianças lêem muito pouco, "e isso prejudica muito o raciocínio, o vocabulário e a criatividade delas". O que é facilmente comprovável quando se pega uma

redação ou um outro texto dessas crianças. Culpa dos professores? Elisa não acredita. "Eles vivem cansados, dão aulas em dois ou três lugares diferentes, distantes uns dos outros. Não têm tempo para estudar ou se reciclar, ler e se renovar. Ganham muito mal. O governo é que é o maior culpado", acusa.

O pai de Liza tem sido seu maior incentivador. Foi ele, Edson Gabriel Garcia, pedagogo e professor de Português, há sete anos trabalhando especificamente com leitura, quem evitou que aquele "jato de água fria", que é a ficha de leitura, atingisse sua filha. Na casa de Liza há livros por toda parte, alguns de autoria do próprio Edson — que desde 1979, já editou 17 títulos infantil-juvenis e, até o final do ano, deverá lançar um novo livro — justamente sobre a leitura na escola de 1º grau, sua especialidade.

Algumas das idéias contidas no texto ele adianta para nós: "No geral, as crianças lêem mal porque lêem pouco, e quando lêem, o fazem com uma intermediação não muito acertada". Edson tem certeza de que a criança sem problemas mentais e que esteve sempre em contato com livros levará sempre vantagem em relação àquela que nunca viu um livro a sua frente. E o maior responsável para essa relação, ele acredita, tem de ser a escola. "Ela deve hoje desenvolver na criança o gosto pela leitura. Principalmente a escola pública, que nos últimos anos tem sido tudo — creche, médico-dentista, além de dar alimentação à criança — menos o que ela deveria ser: uma escola onde se vai para aprender a ler e escrever."

Arregaçar as mangas

Apasionado pelos livros e pela literatura, Edson diz que vale toda a criatividade para ensinar o gosto pela leitura. Um gosto que tem de ser cultivado e aprimorado. Enquanto o professor de Português de 5º a 8º séries insiste na linha de Gramática, bimestralmente dá um livro e marca uma provação em cima dele, Edson prefere dar oportunidade às crianças de terem livros nas mãos. De preferência, escolhidos pela criança mesmo: "Precisamos deixar que os alunos sejam sujeitos da escolha do livro e que, depois, falem e conversem a respeito do que leram", argumenta.

Tanto na rede municipal de ensino, com maior dificuldade, quanto na rede particular, onde trabalhou até o ano passado, Edson sempre fez um trabalho nessa linha: aproximar a criança do livro, levar o livro até a criança. Era comum, em suas aulas, as crianças fazerem uma minipropaganda do livro — recomendando ou não a sua leitura — em vários espalhados por toda a escola. Outra técnica empregada por Edson: a partir do livro, verificar qual foi o ponto de interesse e desenvolver uma discussão, uma redação, uma aula de desenho. Sem nenhuma nota: "As crianças gostam, se soltam e aproveitam muito mais", justifica.

Edson é crítico ardoroso das fichas de leitura. "Elas dão tratamento superficial e são massificantes, uma vez que se aplicam a todos indistintamente, nivelando por baixo sem abrir perspectivas para cada um se colocar." Ele tampouco concorda com a teoria de que a culpa da falta de interesse pela leitura caiba à televisão. "Ela está aí, não vai embora, temos que conviver com ela. Acho que tudo não passa de desculpas dos pais e da escola, que não dão conta do recado, enquanto a televisão dá conta do seu."

Na verdade, é preciso ficar bem claro que uma coisa não exclui a outra: "Existem informações que são veiculadas apenas pelos livros", lembra o professor Ezequiel Theodoro da Silva. "Mas não é preciso desligar a televisão, basta apenas equilibrar os dois veículos", observa.

É preciso dosar, também, os cursos extracurriculares das crianças das classes econômicas mais altas: violão, natação, judô, karatê, futebol e, além disso, televisão e videogame. "A família começa a rechear o dia da criança que não tem mais tempo nem para brincar, relaxar como criança", avisa a professora Tizuko Kishimoto. "E isso é muito mal. É preciso controlar essas atividades programadas, 'senão criam os monstrinhos que não gostam de mais nada'. Serão ruins em tudo, porque naturalmente não podem ser bons em tudo."

Rita de Biaggio